

NICHOLAS SPARKS

*À PRIMEIRA
VISTA*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

LUÍS SANTOS

ASA

AGRADECIMENTOS

No caso deste romance em particular, tenho de agradecer à minha esposa Cathy. Ela não só serviu de inspiração para a personagem Lexie, como também foi de uma paciência incrível enquanto eu escrevia o livro. Todos os dias acordo sabendo que tenho a sorte de me ter casado com ela.

Aos meus filhos – Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah –, que nunca me deixam esquecer que, embora seja escritor, acima de tudo sou pai.

Theresa Park, a minha agente, merece o meu agradecimento por me permitir encher-lhe os ouvidos sempre que me apetece. Claro que, mais do que isso, ela sabe exatamente o que dizer quando as dificuldades apertam. Tenho a felicidade de poder trabalhar com ela.

Jamie Raab, a minha editora, voltou a conquistar a minha gratidão eterna. Além de perspicaz, é encantadora, e eu nunca teria escrito o presente romance sem ela.

Larry Kirshbaum, o ilustre diretor do Time Warner Book Group, está de partida para outras paragens, mas não o posso deixar ir embora sem lhe dedicar um derradeiro louvor. Imagino que tenha sido uma decisão difícil, mas de certeza que sabe o que é

melhor para si. Foi uma honra e um privilégio trabalhar consigo, e quero desejar-lhe tudo de melhor naquilo que o futuro lhe reservar.

Maureen Egen, outra das «manda-chuvas» do Time Warner Book Group, sempre foi uma maravilha. É de uma inteligência profunda e adorei cada momento que trabalhámos juntos.

Denise Di Novi, a minha santa padroeira em Hollywood, é, e sempre foi, uma bênção na minha vida.

Howie Sanders e Dave Park, meus agentes na UTA, nunca me deixam ficar mal e sinto-me grato por trabalhar com eles.

Jennifer Romanello e Edna Farley, as minhas agentes publicitárias, são fabulosas e dotadas. São verdadeiros tesouros e é graças a elas que ainda consigo encontrar-me com os meus leitores.

Lynn Harris e Mark Johnson, responsáveis por *O Diário da Nossa Paixão*, são, e sempre serão, meus grandes amigos.

Scott Schwimer, o meu advogado, não só é profundamente generoso, como dispõe ainda da extraordinária capacidade de fazer com que cada contrato seja perfeito.

Flag, que trata das minhas capas, Harvey-Jane Kowal, que trata de parte da edição, e Shannon O'Keefe, Sharon Krassney e Julie Barer merecem igualmente a minha gratidão.

Gostaria ainda de agradecer a mais algumas pessoas. Em primeiro lugar, ao doutor Rob Patterson, que falou comigo acerca da síndrome da banda amniótica. Se por acaso acertei em alguma coisa, foi única e exclusivamente graças a ele; qualquer erro será de minha total responsabilidade. E a Todd Edwards, que recuperou este livro do disco rígido quando o meu computador se foi, só posso dizer que fico grato por ele estar presente.

Por fim, gostaria de agradecer a Dave Simpson, Philemon Gray, Slade Trabucco e à equipa de atletismo da New Bern High School e da TRACK EC (o programa olímpico juvenil), que tive o prazer de conhecer e de treinar. Obrigado por me terem dado o vosso melhor.

PRÓLOGO

Fevereiro de 2005

Será o amor à primeira vista possível?

Na sala, remoeu a questão pela centésima vez. Lá fora, há muito que o Sol invernal se pusera. Via-se uma leve película acinzentada de nevoeiro pela janela e tudo estava em silêncio, à parte os breves toques de um ramo no vidro. No entanto, não estava sozinho. Levantando-se do seu lugar no divã, percorreu o corredor para a ir espreitar. Enquanto a olhava, pensou em deitar-se ao lado dela, nem que fosse para ter uma desculpa para fechar os olhos. O descanso seria bom, mas ainda não se queria arriscar a adormecer. Assim, limitou-se a observá-la a mexer-se ao de leve e deixou a mente regressar ao passado. Voltou a pensar no percurso que os unira. Quem era ele na altura? E quem era agora? À superfície, tais perguntas pareciam simples. Chamava-se Jeremy; tinha quarenta e dois anos, era filho de pai irlandês e mãe italiana; e ganhava a vida a escrever artigos de revista. Eram essas as respostas que apresentava quando lhe perguntavam. Mesmo sendo verdadeiras, por vezes interrogava-se se deveria acrescentar mais alguma coisa. Por exemplo, será que deveria referir que se deslocara à Carolina do Norte para investigar um mistério havia cinco anos? Que aí se apaixonara, não uma, mas duas vezes nesse ano? Ou que a beleza dessas

recordações eram entremeadas com tristeza, e que ainda se interrogava sobre que memórias perdurariam?

Deixou a entrada do quarto e regressou à sala. Embora não se deixasse assoberbar pelos acontecimentos de há tanto tempo, também não evitava pensar neles. Não podia apagar esse capítulo da sua vida, tal como não podia mudar a data do seu aniversário. Mesmo havendo momentos em que sonhava poder voltar no tempo e apagar a tristeza, imaginava que, se o fizesse, a alegria seria igualmente reduzida. Isso era algo que não estava disposto a pôr em jogo.

Era a meio da noite que, regra geral, dava consigo a recordar a noite passada com Lexie no cemitério, a noite em que testemunhara as luzes fantasmagóricas que fora investigar, vindo de Nova Iorque. No entanto, fora então que se apercebera pela primeira vez daquilo que Lexie significava para ele. Enquanto aguardavam, nas trevas do cemitério, Lexie contara-lhe uma história sobre a vida dela. Ficara órfã em pequena, explicara-lhe. Jeremy já o sabia, mas não sabia que ela começara a ter pesadelos poucos anos depois da morte dos pais. Sonhos terríveis e recorrentes, em que testemunhava a morte dos pais. Sem saber o que mais fazer, a avó Doris acabara por a levar ao cemitério para ver as luzes misteriosas. Para uma criança de tão tenra idade, as luzes eram milagrosas, celestiais, e Lexie reconhecera-as de imediato como os fantasmas dos pais. Fora aquilo em que ela precisava de acreditar, e os pesadelos nunca mais a atormentaram.

Jeremy sentira-se comovido com a narrativa, enternecido pela perda dela e pelo poder das crenças inocentes. Contudo, mais tarde nessa noite, depois de também ele ter visto as luzes, perguntara a Lexie o que esta julgava serem realmente. Ela chegara-se à frente e murmurara: «Eram os meus pais. Se calhar quiseram conhecê-lo.»

Fora aí que ele percebera que a queria tomar nos braços. Desde então, considerara esse como o momento em que se apaixonara, e nunca mais deixara de a amar.

Lá fora, o vento de fevereiro voltou a intensificar-se. Não via nada na escuridão profunda e deitou-se no divã com um longo

suspiro, sentindo esse ano a arrastá-lo para trás no tempo. Podia ter obrigado as imagens a desvanecer-se, mas, ao fitar o teto, deixou que surgissem. Deixava-as sempre instalar-se.

Isto, recordou, foi o que aconteceu a seguir.

1

Cinco anos antes
Nova Iorque, 2000

— Sabes, até é bastante simples — declarou Alvin. — Começas por conhecer uma rapariga simpática, depois saem durante uns tempos para garantirem que partilham os mesmos valores. Para verem se são compatíveis nas grandes decisões a tomar em conjunto. Estás a ver a ideia, falar sobre qual das famílias vão visitar nas épocas festivas, se querem viver numa moradia ou num apartamento, se querem um cão ou um gato, quem é o primeiro a usar o duche pela manhã, quando ainda há muita água quente. Se depois continuarem de acordo, *então* casam-se. Estás a perceber?

— Estou a perceber — replicou Jeremy.

Naquela fria tarde de sábado de fevereiro, Jeremy Marsh e Alvin Bernstein encontravam-se no apartamento do Upper West Side do primeiro. Havia horas que andavam a arrumar e tinham caixas espalhadas por todo o lado. Algumas já estavam cheias, tendo sido empilhadas junto da porta, à espera da transportadora; outras aguardavam em várias fases de processamento. Olhando para o espaço, era como se um diabo-da-tasmânia tivesse entrado por ali adentro, feito uma festa e depois saído, quando já não restava nada para destruir. Jeremy nem acreditava na quantidade de tralha que acumulara ao longo dos anos, facto que Lexie Darnell,

a sua noiva, passara a manhã a apontar-lhe. Há vinte minutos, Lexie desistira, frustrada, e fora almoçar com a mãe de Jeremy, deixando-o sozinho com Alvin pela primeira vez.

– Então, que raio estás tu a fazer? – exclamou Alvin.

– Aquilo que disseste.

– Não, não estás. Alteraste a ordem. Estás a dar o passo decisivo antes de terem percebido se foram mesmo feitos um para o outro. Tu mal conheces a Lexie.

Jeremy enfiou mais uma gaveta de roupa numa caixa, sempre a desejar que Alvin mudasse de assunto.

– Eu conheço-a.

Alvin começou a folhear alguns papéis na secretária de Jeremy e depois colocou o monte na mesma caixa que Jeremy enchia. Enquanto melhor amigo de Jeremy, sentia-se no direito de dizer o que pensava.

– Só estou a tentar ser sincero, e ficas a saber que te digo aquilo que a tua família anda a pensar desde há semanas. O que interessa é que não a conheces o suficiente para te mudares para lá e muito menos para te casares com ela. Só passaste uma semana com ela. Não é o mesmo que com a Maria – acrescentou, referindo-se à ex-mulher de Jeremy. – Lembra-te de que eu também conhecia a Maria, muito melhor do que tu conheces a Lexie, mas continuo sem acreditar que a conhecesse o suficiente para me casar com ela.

Jeremy retirou as folhas da caixa e voltou a depositá-las em cima da secretária, recordando que Alvin conhecera Maria antes dele e que ainda continuavam amigos.

– E depois?

– E depois? E se fosse eu a fazer isto? E se fosse ter contigo a dizer que tinha conhecido uma mulher espetacular e, por isso, ia abdicar da carreira, abandonar os amigos e a família e mudar-me para o Sul para me casar com ela? Como aquela miúda... como é que ela se chama... a Rachel?

Rachel trabalhava no restaurante da avó de Lexie e Alvin cortejara-a durante a sua breve estadia em Boone Creek, chegando ao ponto de a convidar para visitar Nova Iorque.

- Diria que me sentia feliz por ti.
- Poupa-me. Não te lembras do que disseste quando eu estava a pensar em casar-me com a Eva?
- Lembro-me. Mas isto é diferente.
- Ah pois, estou a perceber. Porque és mais maduro do que eu.
- Isso, e o facto de a Eva não ser propriamente mulher que se case.

Era verdade, teve Alvin de admitir. Enquanto Lexie era bibliotecária numa povoação pequena no Sul rural, alguém que procurava assentar, Eva era tatuadora em Jersey City. Fora ela quem fizera a maior parte das tatuagens nos braços de Alvin, a par da maioria dos furos nas suas orelhas, o que fazia com que ele parecesse ter acabado de sair da prisão. Nada disso incomodara Alvin; fora o namorado que vivia com Eva, e que ela se esquecera de referir, que acabara por condenar a relação.

- Até a Maria acha que isto é de loucos.
- Contaste-lhe?
- É claro que lhe contei. Nós falamos sobre tudo.
- Ainda bem que és tão chegado à minha ex-mulher. Mas ela não tem nada que ver com o assunto. Nem tu.
- Estou só a tentar meter-te um bocado de juízo nessa cabeça. As coisas estão a acontecer depressa de mais. Não conheces a Lexie.
- Porque é que estás sempre a dizer o mesmo?
- Vou continuar a dizê-lo até admitires que vocês os dois são praticamente desconhecidos.

À semelhança dos cinco irmãos mais velhos de Jeremy, Alvin nunca era capaz de largar um assunto. Parecia um cão com um osso, pensou Jeremy.

- Ela não é uma desconhecida.
 - Não? Qual é o nome do meio dela?
 - O quê?
 - Ouviste bem. Diz-me o nome do meio da Lexie.
- Jeremy pestanejou.
- O que tem isso que ver com o caso?

– Nada. Mas, se vais casar-te com ela, não te parece que devias saber responder?

Jeremy abriu a boca, fazendo menção de responder, e apercebeu-se de que não sabia. Lexie nunca lho dissera e ele não perguntara. Como se sentisse que estava finalmente a convencer o amigo iludido, Alvin pressionou.

– Então e estas coisas básicas? Formou-se em quê na faculdade? Quem eram os amigos dela na universidade? Qual a cor preferida? Gosta de pão branco ou integral? Qual o filme e série de televisão preferidos? Qual o autor preferido? Por acaso sabes a idade dela?

– Está nos trintas – declarou Jeremy.

– Nos trintas? Até eu sei isso.

– Tenho quase a certeza de que tem trinta e um.

– Tens «quase a certeza»? Estás a ver o ridículo da coisa? Não te podes casar se nem sequer sabes a idade dela.

Jeremy abriu mais uma gaveta, que esvaziou para dentro de outra caixa. Sabia que Alvin tinha uma certa razão, mas não estava disposto a admiti-lo. Em vez disso, respirou fundo.

– Julgava que ias ficar feliz por eu finalmente ter encontrado alguém – comentou.

– Estou feliz por ti. Mas nunca pensei que fosses sair de Nova Iorque e decidir casar com ela. Pensava que estavas a brincar. Tu sabes que eu acho que ela é uma mulher espetacular. É mesmo, e, se daqui a um ano ou dois continuares determinado, sou eu que te arrasto para a igreja. Só me parece que estás a apressar as coisas, sem razão para isso.

Jeremy virou-se para a janela; além do vidro observou tijolos cinzentos cobertos de fuligem que enquadravam as janelas quadradas práticas do prédio vizinho. Avistavam-se imagens difusas: uma senhora a falar ao telefone; um homem enrolado numa toalha a caminho da casa de banho; outra mulher a passar a ferro enquanto via televisão. Nunca sequer os cumprimentara durante o tempo em que ali vivera.

– Ela está grávida – acabou por dizer.

Por um instante, Alvin julgou ter ouvido mal. Só quando viu a expressão no rosto do amigo é que se apercebeu de que Jeremy não estava a brincar.

– Está grávida?

– É uma menina.

Alvin deixou-se cair na cama, como se de repente as pernas lhe tivessem fraquejado.

– Porque é que não me contaste?

Jeremy encolheu os ombros.

– Ela pediu-me para não contar a ninguém por enquanto. Por isso, vê se guardas segredo, está bem?

– Pois – replicou Alvin, parecendo estupefacto. – Claro.

– E mais uma coisa.

Alvin ergueu o olhar.

Jeremy levou a mão ao ombro dele.

– Gostava que fosses o meu padrinho.

Como teria acontecido?

No dia seguinte, ao percorrer com Lexie a loja de brinquedos FAO Schwarz, ainda tinha dificuldade em responder a essa questão. Não quanto à parte da gravidez; essa seria uma noite que provavelmente nunca esqueceria. Apesar da fachada corajosa que ostentara com Alvin, por vezes sentia-se como se estivesse prestes a desempenhar um papel numa comédia romântica popular, em que tudo era possível e nada era garantido até ao genérico final.

Afinal de contas, o que lhe acontecera não era, de todo, habitual. Com efeito, quase nunca acontecia. Quem é que visitava uma pequena vila para escrever um artigo para a *Scientific American*, conhecia a bibliotecária do lugarejo e se apaixonava perdidamente em poucos dias? Quem decidia abdicar da oportunidade de uma carreira na televisão e deixar a vida em Nova Iorque para se mudar para Boone Creek, na Carolina do Norte, uma vila que não passava de um pontinho no mapa?

Eram tantas as perguntas.

Não que tivesse dúvidas quanto ao que estava prestes a fazer. A bem da verdade, enquanto observava Lexie a vasculhar as pilhas de *GI Joes* e de *Barbies* – queria fazer uma surpresa aos muitos sobrinhos e sobrinhas dele com prendas, numa tentativa de causar boa impressão –, tinha mais certeza do que nunca quanto à decisão que tomara. Sorriu, já a imaginar o tipo de vida que iria começar. Jantares sossegados, passeios românticos, risos e carinhos à frente da televisão. Coisas boas, aquilo que dava sentido à vida. Não era ingênuo a ponto de acreditar que nunca iriam discutir ou discordar em nada, mas não tinha dúvida de que saíam bem dessas águas conturbadas e se aperceberiam sempre de que eram feitos um para o outro. No global, a vida seria maravilhosa.

No entanto, quando Lexie passou por ele, profundamente concentrada, Jeremy deu consigo a olhar para outro casal junto a um monte de bonecos de peluche. Verdade fosse dita, era impossível não reparar no casal. Estavam ambos na casa dos trinta anos e envergavam roupas elegantes; ele tinha ar de banqueiro de investimento ou de advogado, enquanto a esposa dava a impressão de ser alguém que passava as tardes no Bloomingdale's. Estavam carregados com meia dúzia de sacos de meia dúzia de lojas. O diamante no dedo anelar dela era do tamanho de um berlinde – muito maior do que o anel de noivado que acabara de comprar a Lexie. Enquanto observava, Jeremy não teve dúvida de que normalmente trariam uma ama com eles naquele tipo de saída, pura e simplesmente porque pareciam alheios ao que deviam fazer.

O bebé no carrinho berrava, com o tipo de grito penetrante que fazia descolar papel de parede e deixava os restantes clientes imobilizados. Ao mesmo tempo, o irmão mais velho – talvez com uns quatro anos – bradava ainda com mais força e, de repente, atirou-se ao chão. Os pais tinham a expressão de pânico dos soldados debaixo de fogo e era impossível não ver as olheiras escuras e a palidez nos rostos deles. Não obstante a fachada impecável, era óbvio que se encontravam no limite. A mãe retirou finalmente o

bebê do carrinho e encostou a criança ao peito, com o marido a chegar-se a ela, dando palmadinhas nas costas da criança.

– Achas que não estou a tentar acalmá-la? – cuspiu a mulher.
– Toma conta do Elliot!

Combalido, o homem inclinou-se na direção do filho, que esmurrava e pontapeava o chão, com a mãe de todas as birras.

– Para já de gritar! – disse severamente o marido, de dedo em riste.

Pois, pensou Jeremy. Até parece que isso vai resultar.

Elliot, entretanto, ia ficando roxo enquanto se contorcia.

Por essa altura, até Lexie deixara de procurar entre os brinquedos e dirigira a atenção ao casal. Era mais ou menos como fitar uma mulher a cortar a relva de biquíni, decidiu Jeremy, o tipo de espetáculo que é impossível ignorar. O bebê gritava, Elliot gritava, a esposa gritava com o pai para que este fizesse alguma coisa e o homem gritava que estava a tentar.

Juntara-se uma multidão que cercava aquela família feliz. As mulheres pareciam observar com um misto de gratidão e de pena: gratas por não estar a acontecer com elas, mas sabendo – provavelmente por experiência própria – aquilo por que o jovem casal estava a passar. Os homens, por seu lado, pareciam querer unicamente afastar-se o mais possível do barulho.

Elliot bateu com a cabeça no chão e chorou ainda com mais força.

– Vamos embora! – acabou por declarar a mãe.

– Achas que não é isso que estou a tentar fazer? – retorquiu o pai, com maus modos.

– Pega nele ao colo.

– Estou a tentar! – bradou o homem, exasperado.

Elliot parecia não querer ter nada que ver com o pai. Quando este finalmente o agarrou, o menino contorceu-se como uma cobra alucinada. A cabeça debatia-se de um lado para o outro e as pernas nunca se imobilizaram. Começaram a formar-se gotas de transpiração na testa do pai, cujo rosto era uma máscara contorcida pelo

esforço. Elliot quase parecia estar a ficar maior, um Hulk em miniatura que se expandia com a fúria.

Os pais lá conseguiram pôr-se em movimento, abrandados pelos sacos das compras, a empurrar o carrinho e, de alguma forma, com os dois filhos consigo. A multidão apartou-se, como se Moisés se acercasse do mar Vermelho, e a família desapareceu por fim de vista, sendo os berros a desvanecer-se a única prova da sua existência.

Os mirones dispersaram. Jeremy e Lexie, contudo, estavam imobilizados.

– Coitadas daquelas pessoas – apiedou-se Jeremy, interrogando-se de repente se aquela seria a sua vida dali a alguns anos.

– A quem o dizes – concordou Lexie, como se receasse o mesmo.

Jeremy deixou-se ficar a olhar, à escuta, até o choro por fim já não se ouvir. A família devia ter saído da loja.

– Um filho nosso nunca vai fazer uma birra daquelas – declarou Jeremy.

– Nunca. – De forma consciente ou não, Lexie levava a mão à barriga. – Aquilo não é normal.

– E até parecia que os pais não faziam ideia do que estavam a fazer – adiantou Jeremy. – Viste-o a tentar falar com o filho? Como se estivesse na sala de direção da empresa?

– Ridículo – aquiesceu Lexie. – E a maneira como respondiam um ao outro? As crianças sentem a tensão. Não admira que os pais não fossem capazes de os controlar.

– Era como se não soubessem o que estavam a fazer.

– Não me parece que soubessem.

– Como pode isso ser?

– Talvez estejam demasiado embrenhados nas vidas pessoais para dedicarem tempo suficiente aos filhos.

Ainda imobilizado, Jeremy observou o resto da multidão a desaparecer.

– Aquilo não foi mesmo normal – voltou a comentar.

– Era exatamente o que eu estava a pensar.

Certo, estavam a iludir-se. No fundo, Jeremy sabia disso, tal como Lexie, mas era mais simples fingir que nunca se veriam confrontados com uma situação como a que tinham acabado de assistir. Porque estariam mais preparados. Seriam mais dedicados. Mais gentis e pacientes. Mais carinhosos.

E a filha... bem, medraria no ambiente que ele e Lexie iriam criar. Disso, não havia dúvidas. E, em bebé, dormiria noites inteiras; em pequena, iria deliciá-los com vocabulário precoce e competências motoras acima da média. Percorreria os campos minados da adolescência com aprumo, manter-se-ia longe das drogas e faria má cara aos filmes para adultos. Quando saísse de casa, seria educada e refinada, teria notas suficientes para ser admitida em Harvard, seria campeã de natação e ainda teria encontrado tempo para trabalho de voluntariado.

Jeremy alimentou a fantasia até sentir os ombros a descair. Apesar de não ter qualquer experiência no departamento da paternidade, sabia que não poderia ser assim tão fácil. Além do mais, estava a adiantar-se excessivamente.

Uma hora depois, encontravam-se no banco traseiro de um táxi, presos no meio do trânsito, a caminho de Queens. Lexie folheava um exemplar acabado de comprar de *Livro de Instruções de Uma Gravidez Bem-Sucedida*, enquanto Jeremy olhava para o mundo do outro lado do vidro. Era a última noite que passavam em Nova Iorque – levava Lexie para conhecer a família dele – e os pais tinham planeado um pequeno encontro na sua casa de Queens. É claro que pequeno era um termo relativo: com cinco irmãos e respetivas esposas, a par de dezanove sobrinhos e sobrinhas, a casa estaria a abarrotar, tal como era habitual. Embora Jeremy o esperasse com agrado, não conseguia esquecer o casal que tinham acabado de ver. Pareciam tão... normais. Salvo a exaustão, claro está. Interrogou-se se ele e Lexie também acabariam assim ou se a isso seriam poupados.

Talvez Alvin tivesse razão. Pelo menos em parte. Embora adorasse Lexie – e tinha a certeza absoluta disso, caso contrário não a teria pedido em casamento –, não podia afirmar que a conhecia. Ainda não houvera tempo para isso e, quanto mais pensava no assunto, mais acreditava que seria proveitoso que ele e Lexie tivessem oportunidade de ser um casal normal durante algum tempo. Já fora casado e sabia que era preciso tempo para aprender a viver com outra pessoa. Para se habituarem aos pormenores, por assim dizer. Todos tinham as suas manias, mas até ao momento em que realmente se conhecia alguém, elas tendiam a manter-se ocultas. Interrogou-se quais seriam as de Lexie. Por exemplo, e se ela dormisse com uma daquelas máscaras verdes para minimizar as rugas? Seria Jeremy feliz a acordar todos os dias com essa visão?

– Em que estás a pensar? – indagou Lexie.

– O quê?

– Perguntei em que estavas a pensar. Tinhas uma expressão engraçada.

– Em nada.

Lexie fitou-o.

– Um nada grande ou um nada-nada?

Jeremy encarou-a, de cenho franzido.

– Qual é o teu nome do meio?

Ao longo dos minutos que se seguiram, Jeremy bombardeou-a com as perguntas propostas por Alvin e ficou a saber o seguinte: O nome do meio de Lexie era Marin; formara-se em Inglês; a melhor amiga nos tempos de faculdade chamava-se Susan; o lilás era a cor favorita; preferia pão integral; gostava de ver *Querido, Mudei a Casa*; considerava Jane Austen fabulosa; e, com efeito, faria trinta e dois anos a 13 de setembro.

E pronto.

Jeremy recostou-se, satisfeito, e Lexie continuou a folhear o livro. Imaginou que ela não o estivesse realmente a ler, mas sim a

dar uma vista de olhos a certas passagens, esperando obter algumas dicas. Interrogou-se se ela faria algo semelhante quando tinha de estudar na faculdade.

Tal como Alvin dera a entender, havia mesmo muito que não sabia acerca dela. Claro que, ao mesmo tempo, era bastante o que sabia. Filha única, crescera em Boone Creek, na Carolina do Norte. Os pais haviam morrido num acidente de viação quando ela era pequena e fora criada pelos avós maternos, Doris e... e... Decidiu que teria de perguntar. Fosse como fosse, frequentara a Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, apaixonara-se por um indivíduo chamado Avery e chegara a morar em Nova Iorque durante um ano, onde estagiara na biblioteca da UNI. Avery viria a enganá-la e Lexie regressara a casa, onde se tornara bibliotecária em Boone Creek, à semelhança da mãe, antes de falecer. Mais tarde, apaixonara-se por alguém a quem se referia vagamente como o «senhor Renascença», mas este deixara a vila sem pensar duas vezes. Desde então, tinha uma vida pacata, saindo ocasionalmente com o adjunto do comandante de polícia local até à chegada de Jeremy. Ah, era verdade: Doris – proprietária de um restaurante em Boone Creek – dizia ter poderes psíquicos, entre eles a capacidade de prever o sexo dos bebés, razão pela qual Lexie sabia que teria uma filha.

Jeremy era obrigado a admitir que todos em Boone Creek sabiam de tudo isto. Mas será que também sabiam que Lexie prendia o cabelo atrás da orelha sempre que ficava nervosa? Ou que era uma cozinheira excelente? Ou que, sempre que precisava de descansar, gostava de se dirigir a uma casa junto ao farol do cabo Hatteras, onde os pais se tinham casado? Ou que, além de ser inteligente e linda, com olhos violeta, um rosto oval um tanto ou quanto exótico e cabelo escuro, se apercebera de imediato das tentativas atrapalhadas dele de a seduzir? Gostava do facto de Lexie não o deixar levar a dele avante, dizer o que pensava e o enfrentar sempre que acreditava que ele estava enganado. De alguma forma, conseguia fazer tudo isso sem nunca perder o encanto e a feminilidade

marcada pela pronúncia sulista atraente. Juntando a isso o facto de ficar maravilhosamente de calças de ganga justas, Jeremy perdera a cabeça.

E quanto a ele? O que sabia ela sobre Jeremy? Grande parte do básico, pensou. Que crescera em Queens enquanto o mais jovem de seis filhos de uma família irlandesa-italiana, e que em tempos pretendia tornar-se professor de Matemática, mas que se apercebera de que tinha queda para a escrita e acabara por ser colunista da *Scientific American*, onde muitas vezes expunha a verdade sobre supostos casos sobrenaturais. Que anos antes fora casado com uma mulher chamada Maria, a qual viria a deixá-lo depois de terem ido a uma série de consultas numa clínica de fertilidade e de terem sido informados de que Jeremy era clinicamente incapaz de gerar filhos. Que, depois disso, ele passara demasiados anos a correr bares e a sair com inúmeras mulheres, tentando evitar relações sérias, como se inconscientemente soubesse que não poderia ser um bom marido. Que aos trinta e sete anos fora a Boone Creek investigar a aparição regular de luzes fantasmagóricas no cemitério da vila, esperando conseguir vir a ser comentador convidado no *Good Morning America*, mas que dera consigo a pensar em Lexie a maior parte do tempo. Tinham passado quatro dias maravilhosos juntos, seguidos por uma discussão acesa, e, embora ele tivesse regressado a Nova Iorque, apercebera-se de que não conseguia imaginar a vida sem ela e que voltara para o provar. Em troca, ela levava a mão à barriga e ele tornara-se um verdadeiro crente – pelo menos no que dizia respeito ao milagre da gravidez e à possibilidade da paternidade, algo que nunca julgara viável.

Sorriu, pensando que era uma bela história. Talvez bom material para um romance.

O importante era que, por mais que ela tivesse tentado resistir aos encantos de Jeremy, também se apaixonara por ele. Jeremy relanceou-a e interrogou-se porquê. Não que se considerasse repulso, mas o que é que atraía duas pessoas? Já escrevera várias colunas sobre o princípio da atração e era capaz de explicar o papel das